



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Educação - UAB/UnB/ MEC/SECAD III Curso de Especialização em
Educação na Diversidade e Cidadania, com Ênfase em EJA / 2014-2015.

RENATA PARREIRA PEIXOTO

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E DIVERSIDADE ÉTNICO –
RACIAL: Narrativas e Olhares de Atores e Atrizes**

**Brasília, DF
Outubro/ 2015**



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Educação - UAB/UnB/ MEC/SECAD III Curso de Especialização em
Educação na Diversidade e Cidadania, com Ênfase em EJA / 2014-2015.

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E DIVERSIDADE ÉTNICO –
RACIAL: Narrativas e Olhares de Atores e Atrizes**

RENATA PARREIRA PEIXOTO

PROJETO DE INTERVENÇÃO LOCAL

BRASÍLIA, DF Outubro/ 2015.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Educação - UAB/UnB/ MEC/SECAD III Curso de Especialização em
Educação na Diversidade e Cidadania, com Ênfase em EJA / 2014-2015.

RENATA PARREIRA PEIXOTO

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E DIVERSIDADE ÉTNICO –
RACIAL: Narrativas e Olhares de Atores e Atrizes**

Trabalho de conclusão do III Curso de
Especialização em Educação na Diversidade
e Cidadania, com Ênfase em EJA /2014-2015,
como parte dos requisitos necessários para
obtenção do grau de Especialista na
Educação de Jovens e Adultos.

Professora Orientadora: Dra Marly de Jesus Silveira

Tutor Orientador: Claudio Amorim dos Santos

Avaliadora Externa: Edileuza Penha de Souza

BRASÍLIA-DF, Outubro/2015.

AGRADECIMENTOS

Chegado o momento de agradecer, agradeço como se tivesse protagonizado um filme: “Agradecimentos, vidas e laços”, uma trama vivida em imagens do que foi o Curso de Especialização que chega ao fim.

Sou grata por compreender o simbolismo da identificação registrada no nome próprio, que segundo os indianos, o nome é um mantra e predestina nossa vida. Assim como nas narrativas orais da memória ancestral, na maioria das culturas africanas tradicionais. O que me identifica no primeiro momento é meu primeiro nome “Renata” que significa “renascida” como no mito é um pássaro que alçar um voo que simboliza a liberdade entra num processo de autocombustão virando cinzas, tendo a constante força da transformação e do renascimento. No processo de nascimento e morte, inicia e rompe ciclos, iniciando o processo de “(re) surgimento”, “(re) significação”, “(re) construção identitária”.

Quero agradecer sem limites minha mãe, Jussara Parreira Peixoto por histórias ter me contado, me acolhido em seu coração, concedendo o benefício da adoção. Pelas trocas, por me ensinar a “(re) existir” para existir.

Gratidão a Guilherme Parreira Passos, meu filho que há 23 anos me desafia a ser uma pessoa melhor. Agradeço pela sorte de tê-lo, pois é a única herança genética que tenho, e nele me reconheço em seus olhos, boca, nariz. É o único da minha família sanguínea, o que me possibilitará ter a continuidade de novas gerações de netos, bisnetos, proporcionando o dom da ancestralidade.

Agradeço à minha família que me acolheu sem distinção, aceitando e respeitando minha personalidade forte, meu senso crítico e minha irreverência. Pela admiração e orgulho que tem de mim, vibrando a cada conquista.

Um agradecimento especial à Universidade de Brasília pela oferta de uma formação de excelência, que ampliou ainda mais meus horizontes, pela escolha da coordenação pedagógica colegiada, pelo material didático de qualidade, ancorado na pesquisa de excelentes pesquisadores/as, pela metodologia teórica prática.

Agradeço à todos/as profissionais da área da educação que estiveram envolvidos nesse processo de formação e em especial, alguns profissionais que me tocaram de maneira mais profunda.

Gratidão ao professor Edemir José Pulita por um questionamento que fez à turma no primeiro encontro presencial: “Precisam saber: qual é a disposição que terão para se dedicar a este curso, para mudar a vida de vocês? Ao fazer este curso, sem dúvida, sairão com outros saberes, e é preciso que se perguntem: eu estou afim de abrir mão de algo na minha vida para me dedicar ao curso?” Este questionamento sempre me acompanhou quando tinha que acordar às 5 horas da manhã para ler os textos e pesquisar outros. Obrigada professor!

Ao Cláudio Amorim um agradecimento do tamanho de todos os universos. Obrigada querido colega da Secretaria de Educação, companheiro, amigo e tutor. Obrigada pela confiança e por acreditar no meu potencial, pelo incentivo, trocas. Você será inesquecível como um dos profissionais da educação que mais respeito e admiro pela ética, comprometimento, dedicação, mas sobretudo pelo amor que tem pela educação.

A minha orientadora Mary de Jesus Silveira esse agradecimento é infinito por ter tido a boa sorte de tê-la como mestre e orientadora, pela escuta sensível e olhar acolhedor diante das minhas limitações diante da escrita. Obrigada por cada liga que contribuiu para torna-la mais consistente. Agradecer pela voz suave e melodiosa, pela figura meiga (diferente do que os /as orientandos/as pintam os/as orientadores/as).

Agradecer ao Universo e energias cósmicas por conviver este período com uma referência viva, que esteve presente nos textos que li. Obrigada professora, a senhora foi fundamental nesse processo.

Agradecer à Coordenação Pedagógica Colegiada na figura do professor Dr. Erlando da Silva Reses, pela acolhida das minhas críticas e por refletir sobre elas, permitindo meu retorno à turma do Cláudio. Isto foi fundamental para meu enraizamento e pertencimento. Agradeço a professora Maria Luiza Pinho por ter feito parte da minha formação e pela convivência.

Agradecer à Cléssia Santos pela acolhida e dedicação no tempo em que passamos juntas.

Agradeço às turmas "I", por caminhararmos juntos/as boa parte do (per) curso (do primeiro ao sexto módulo) nos estranhando, divergindo, indignando com o pensamento do/a outro/a, admirando a capacidade de cada cursista, aprendendo com a diferença na troca de nossos saberes e fazeres.

Agradeço ao Grupo 12, pelos dois módulos que tivemos juntos. Aos profissionais que nos apoiaram nos bastidores.

Chegou o momento de finalizar este filme deixando gravado na memória muitas histórias de aprendizagens. Fechar um ciclo e como Fênix renascer para vivenciar outras experiências acadêmicas.

“Expressar-se, expressando o mundo, implica o comunicar-se. A partir da intersubjetividade originária, poderíamos dizer que a palavra, mais que instrumento, é origem da comunicação – a palavra é essencialmente diálogo. A palavra abre a consciência, para o mundo comum das consciências, em diálogo portanto. Nessa linha de entendimento, a expressão do mundo consubstancia-se em elaboração do mundo e a comunicação em colaboração. E o homem só expressa conveniente quando colabora com todos na construção do mundo comum – só se humaniza no processo dialógico de humanização do mundo. A palavra, porque lugar do encontro e do reconhecimento das consciências, é o reencontro e de si mesmo.

A palavra pessoal, criadora, pois a palavra é repetida é monólogo das consciências que perderam sua identidade, isoladas, imersas na multidão anônima e submissas a um destino que lhes é imposto e que não são capazes de superar, com a decisão que lhes é imposto e que não são capazes de superar com a decisão de um projeto.”

(Paulo Freire)

RESUMO

Reconhece-se a importância de conhecermos nossa história para compreender quem somos, de onde viemos valorizando nossas origens, conhecendo a história da nossa cultura. Considerar as narrativas e olhares de Atores e Atrizes Educação de Jovens e Adultos – EJA, oportuniza a reflexão sobre os processos identitários partindo das narrativas desses/as personagens reais que conseguem ter um olhar sobre si, e como as experiências vivenciadas contribuíram para a formação de suas “identidades”. A perspectiva de implantação do Projeto Interventivo Local “Educação de Jovens e Adultos e Diversidade Étnico – racial: Narrativas e Olhares de Atores e Atrizes”, oportunizar a reflexão Utilizaremos como referência teórico prática o filme Vida Maria para problematizar a reflexão do abandono da educação formal para buscar a sobrevivência. Também utilizaremos como referência o audiovisual “Elas Falam” como estratégia de refletir sobre a corporeidade de professoras negras, suas histórias de exclusões ao longo de suas trajetórias escolares e suas experiências como professoras ao tentar promover, atividades relacionadas a valorização da cultura afro-brasileira, antes da promulgação da Lei nº 10.639/2003, que instituiu a obrigatoriedade do ensino da História dos africanos e da cultura afro-brasileira nos currículos das instituições de ensino fundamental e médio, no sistema de ensino público e particular.

Palavras-chave: Audiovisual. EJA. Identidade. Lei n 10.639/2003. Professoras negras.

ABSTRACT

It recognizes the importance of knowing our history to understand who we are, where we come from valuing our origins, knowing the history of our culture. Consider the narrative and looks Actors and Actresses Youth and Adult Education - EJA, provides an opportunity to reflect on the identity processes starting from the narratives of these / real characters who manage to have a look about you, and how the experiences contributed to the formation of their "identities". The implementation perspective of Interventive Project Location "Youth and Adult Education and Ethnic Diversity - racial: Narratives and Actors and Actresses looks" create opportunities for reflection will use as a theoretical practical reference the film Life Mary to discuss the reflection of the formal education abandonment to seek survival. We will also use as a reference the audiovisual "They speak" as a strategy to reflect on the corporeality of black teachers, their exclusions stories throughout their school careers and their experiences as teachers while trying to promote activities related to the appreciation of the african-Brazilian culture, before the enactment of Law No. 10,639 / 2003, which established the mandatory teaching of African history and african-Brazilian culture in the curricula of primary and secondary education institutions in the public and private education system.

Keywords: Audiovisual. EJA. Identity. Law No. 10.639 / 2003. African teachers.

SUMÁRIO

1 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DA PROPONENTE	9
2 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO	10
2.1 TÍTULO.....	10
2.2 ÁREA DE ABRANGÊNCIA.....	10
2.3 INSTITUIÇÃO	10
2.3.1 Instância Institucional de Decisão.....	10
2.4 PÚBLICO AO QUAL SE DESTINA	10
2.5 PERÍODO DE EXECUÇÃO	10
3 AMBIENTE INSTITUCIONAL.....	11
4 INTRODUÇÃO	13
5 JUSTIFICATIVA E CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA.....	20
5.1 A REALIDADE HISTÓRICA DA POPULAÇÃO NEGRA BRASILEIRA.....	20
5.2 REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO NEGRO.....	22
5.3 ATORES E ATRIZES ENSAIANDO UM OUTRO ENREDO EM NOVOS CENÁRIOS ...	25
5.4 EDUCAÇÃO E RELAÇÕES RACIAIS.....	27
6 OBJETIVOS	355
6.1 OBJETIVO GERAL.....	355
6.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	355
7 ATIVIDADES.....	366
8 CRONOGRAMA.....	39
9 PARCERIAS.....	400
10 ORÇAMENTO	411
11 ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO	422
REFERÊNCIAS	433
REFERÊNCIAS.....	434

1 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DA PROPONENTE

RENATA PARREIRA PEIXOTO.

Professora de atividades da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, cedida para a Secretaria de Estado de Políticas para as Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos. Graduada em Pedagogia com habilitação em alfabetização para séries iniciais pela Universidade Católica (2005). Tem conhecimento e experiência em educação das relações étnico – raciais e relações de gênero.

Informações para contato: Telefone (s): +55 (61) 9162-7410 /+55(61) 8152-8288.

E-mail: renatapparreira@gmail.com / renataparreiraproducoes@gmail.com

2 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO

2.1 TÍTULO

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E DIVERSIDADE ÉTNICO – RACIAL:
NARRATIVAS E OLHARES DE ATORES E ATRIZES.

2.2 ÁREA DE ABRANGÊNCIA

Nacional Regional Estadual Municipal Distrital Local

2.3 INSTITUIÇÃO

Nome: Centro de Ensino Médio Setor Oeste (CEMSO)

Telefone: + 55 (61) 3901-7625 / + 55 (61) 3346-1523

E-mail: cemso2012@gmail.com

Endereço: SGAS 912/913 Módulo “D”

Asa Sul. Local: Brasília – DF. CEP: 70.390 -120.

2.3.1 Instância Institucional de Decisão

Governo: Distrito Federal

Secretaria de Educação: Distrito Federal

Conselho de Educação: Distrito Federal

Fórum de Educação: Distrito Federal

Escola: Conselho Escolar.

2.4 PÚBLICO AO QUAL SE DESTINA

Estudantes da Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores/as do 2º segmento.

2.5 PERÍODO DE EXECUÇÃO

Início: 04/2016 Término: 08/2016

3 AMBIENTE INSTITUCIONAL

O Centro de Ensino Médio Setor Oeste - CEMSO foi criado no ano de 1986. O desejo de ofertar uma educação de qualidade motivou um grupo de docentes que trabalhavam com dupla jornada, ministrando aulas no sistema de ensino público e particular. O CEMSO foi idealizado com o intuito de formar jovens capazes de protagonizarem suas histórias, preparados para alcançarem o ensino superior. O modelo de gestão é democrática e participativa, em consonância com os princípios da Lei nº 4.751 de 07/02/2012 - Gestão Democrática nas Escolas Públicas do Distrito Federal.

A equipe gestora foi eleita e cumprirá mandato de 2 anos, finalizando o exercício de gestão em 2016. A instituição escolar cumpre a lei que se refere ao Conselho Escolar. Os segmentos da comunidade escolar (estudantes, pais, gestores/as, professores/as e profissionais da carreira assistência) constituem o Conselho Escolar que é dinâmico e atuante, realizando reuniões ordinárias e extraordinárias (a depender da urgência de tomada de decisão).

Oficialmente o CEMSO atende toda a demanda de estudantes vindos/as das escolas tributárias: Centro de Ensino Fundamental Polivalente e Centro de Ensino Fundamental 04. Nos últimos três anos, a maioria dos alunos que recebemos é oriunda da região do entorno e de cidades próximas ao Plano Piloto, como: Guará, Cruzeiro, Núcleo Bandeirante, Riacho Fundo, Santa Maria, dentre outras. Também registramos um aumento considerável de alunos vindos da rede particular de Ensino do Distrito Federal.

A instituição educacional oferta Ensino Médio Regular, Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores/as - EJAT presencial e na modalidade de Educação à Distância – EAD. ENSINO ESPECIAL? A escola atende os estudantes que finalizam o Ensino Fundamental de nove anos oriundos do Centro Educacional 113 Sul e casos específicos de transferência da família para Brasília (quando há vaga e o estudante mora nas proximidades do colégio). As matrículas são realizadas pelo telematrícula, acessado pelo número 156, o que garante a democratização de oferta de vagas.

Tem sido considerado uma escola modelo, sendo considerada pela comunidade escolar, referência de gestão democrática, comprometimento e de qualidade de ensino. Neste sentido a disputa de vagas é grande.

Em 2014 iniciou uma discussão com o Conselho Escolar, Coordenação Intermediária da EJA do Plano Piloto, vinculada à Gerência de Educação Básica do Plano Piloto e Cruzeiro e Coordenação em nível central da EJA da Subsecretaria de Educação Básica - SUBEB, sobre o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - Proeja.

Bimestralmente os/as educandos/as realizam o simulado do Programa de Avaliação Seriada - PAS. O PAS é uma alternativa ao vestibular da Universidade de Brasília - UnB, com a realização de avaliações no período compreendido de três anos do ensino médio. Há ainda a opção da realização dos simulados do Exame Nacional do Ensino Médio - Enem. O espaço virtual é uma das possibilidades de oferta ensino. A modalidade EAD foi adotada na perspectiva de oportunizar a democratização de ensino de qualidade. Esta modalidade é ofertada para estudantes que cursam o segundo e terceiro segmento da EJA, o correspondente aos anos finais do Ensino Fundamental e ao Ensino Médio, respectivamente.

4 INTRODUÇÃO

Este trabalho realiza-se no âmbito do curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania, com Ênfase em EJA com a finalidade de sistematizar e aprofundar os estudos teóricos- práticos desenvolvidos, e sintetizá-los no Projeto de Intervenção Local que centraliza o processo de formação em nível de pós-graduação.

Em decorrência de seu tema, Educação de Jovens e Adultos e Diversidade Étnico – racial: Narrativas e Olhares de Atores e Atrizes e processo de construção textual, optou-se por uma apresentação que articula a forma narrativa memorial às orientações para montagem de um projeto.

Sempre pensei que uma das funções da escola é formar cidadãos e cidadãs críticos/as, capazes de protagonizar suas próprias histórias. Este pensamento me acompanhou e muitas vezes este discurso foi reproduzido por mim. Entretanto, percebo que o simples fato de afirmar qual deve ser o papel da escola, não dá a ela competência para desempenhá-lo com êxito.

Escolher o magistério como profissão, se deu nos primeiros anos de infância, quando cursava o antigo pré-escolar (prézinho), atual educação infantil. Na tentativa de vislumbrar uma escola que ofereça ensino de qualidade a todos e todas, acolhendo a diversidade presente nela, instintivamente revejo meus passos na educação formal. Ao pensar a escola e os sujeitos que nela interagem, reporto-me à minha trajetória escolar, rememoro as lembranças educativas. Me vejo em silêncio, e me vem à mente lembranças e sensações experienciadas por mim diante de situações conflituosas. Refletindo sobre minha prática pedagógica, reconheço a importância de priorizar a escola como um espaço favorável de criação de vínculos, de construção de afetos e relações de confiança para a partilha de experiências humanas. Reconheço, sobretudo, como é fundamental que o espaço escolar seja um ambiente em que possamos conhecer as histórias dos/as estudantes, para possibilitar a expressão das suas vozes, seus desejos e sonhos, mas que admita também considerar as suas expectativas perante a escola.

Hoje na condição de aluna do III Curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania, com ênfase em Educação de Jovens e Adultos, tento buscar um projeto de intervenção que possa contribuir com reflexões sobre aspectos importantes das vidas destes sujeitos, considerando as ausências, os silêncios, os anseios, os sonhos e expectativas em relação ao que desejam aprender na escola e em relação às suas trajetórias. Nesta tentativa volto novamente ao meu passado e localizo na minha trajetória o que mais me causou sofrimento: a diferença, interpretada na leitura do meu corpo negro, percebida nos olhares dos outros sobre ele. Não guardei na memória como a “contribuição”

dos negros se deu em nossa cultura, tampouco posso afirmar que a abordagem da escravidão tenha prejudicado a formação da minha identidade. Sabia que era diferente e que a minha cor era usada como ofensa em momentos de desavenças com colegas.

Recordo-me também de duas colegas que ao meu ver eram as mais lindas, eram as mais populares da turma, ambas de pele clara, cabelos longos e escorridos, uma tinha os cabelos pretos, Raquel, a outra era loira, mas não lembro seu nome. Lembro-me de um único colega negro que tinha na sala, Marcelo, era filho de empregada doméstica, era apaixonado por mim e eu o maltratava. Essas experiências vivi na 4ª série do ensino fundamental. Lembro-me de me sentir mal ao levantar o dedo dizendo que era espírita, quando a professora perguntava quem não era católico/a na turma. E de ouvir a professora comentando com outra que até a minha mãe que era a mais pobre da escola, tinha concordado com o valor da taxa da APM¹. Da minha tristeza ao ser sempre o homem na festa junina, por não ter um menino do meu tamanho, pois eu era a maior da escola. Da minha indignação ao saber que fui colocada numa sala sozinha para produzir uma redação, pela desconfiança da professora ao acreditar que minhas produções de textos eram escritas por adultos.

À época não compreendia porque me sentia tão diferente e porque esta diferença me incomodava tanto a ponto de me entristecer. Hoje identifico que o racismo, o preconceito e a discriminação eram explicitamente presentes na escola, há 40 anos atrás, e que as professoras que tive certamente não pensavam, ou não tinham consciência acerca do tema. Estes relatos fazem parte da minha trajetória escolar. As minhas professoras desconheciam meus sentimentos e frustrações diante deles.

Fui mãe solteira aos 21 anos, e considerei o ingresso na Fundação Educacional² por meio de concurso público, um presente. Quando convocada, Guilherme, meu filho, já tinha 9 meses de idade. Enfrentei muitas dificuldades em conciliar os papéis de mãe e professora. Pegava de 8 a 9 ônibus por dia, entre a ida para a escola e a faculdade situada em Taguatinga³, uma das Regiões Administrativas do Distrito Federal, percorrendo um trajeto

¹ APM é a Associação de Pais e Mestres. Tem como objetivo auxiliar nas despesas da escola, propiciando a participação dos/as estudantes mais pobres em passeios e em visitas de campo, bem como a compra de material escolar de uso coletivo. É cobrada uma taxa definida pela escola e em geral a contribuição somente é feita pelos pais, mães e/ou responsáveis. Não há obrigatoriedade no pagamento, é uma doação voluntária podendo o valor ser pago de acordo com as condições financeiras da família. Os/as alunos com dificuldades financeiras teoricamente não são obrigados a pagar, no entanto, mesmo sendo do conhecimento da equipe gestora da escola a situação sócio-econômica dos/as estudantes, é entregue mesmo assim, o carnê de pagamento para a família.

² Fundação Educacional é a antiga Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.

³ Taguatinga foi fundada em 5 de junho de 1958 em terras do município de Luziânia – Goiás, na Fazenda Taguatinga, a oeste de Brasília. Em 1970, o governador Hélio Prates da Silveira, por meio do Decreto 571/70, reconhece oficialmente Taguatinga como cidade. A denominação Taguatinga adveio de uma fazenda de mesmo nome, localizada na região hoje ocupada pela cidade de Taguatinga. Em um primeiro momento, o termo “Tauá + Tinga”, do tupi-guarani, foi traduzido

diário de 120 km. Quando me tornei professora, fui trabalhar numa escola rural, Centro de Ensino Cerâmica São Paulo em São Sebastião⁴e hoje concluo que no primeiro momento violencei muitas crianças, com berros e atitudes discriminatórias. Reproduzi os modelos de professora que vivenciei ao longo da vida escolar. Era inexperiente e muitas vezes não sabia o que fazer para ensiná-los a ler e escrever.

O ingresso na faculdade me auxiliou a conhecer outras formas de pensar a prática pedagógica e logo estabeleci vínculos afetivos com os/as alunos/as, mas a incapacidade de transformar a vida deles/as por meio da educação, me causava muito sofrimento. Na faculdade me destacava pelo poder da oratória e facilidade nos conteúdos transmitidos, era considerada uma universitária brilhante, conseguia silenciar as pessoas ao falar e percebia a admiração dos/as colegas e professores/as. Entretanto, o potencial que possuía não me fez trilhar caminhos sempre de sucesso, interrompi minha vida acadêmica e fiquei 14 anos afastada da universidade, deixando distante o sonho de cursar o mestrado. O fracasso e a evasão também fizeram parte da minha vida acadêmica.

Transitei entre o prazer de ser professora e a decepção com a educação. Passei por momentos de depressão e era julgada pelos/as colegas como “picareta”. Ao longo da minha trajetória profissional desenvolvi um transtorno afetivo, e fiquei por longos períodos de licença médica por problemas psicológicos, sendo discriminada e julgada por meus pares. As equipes gestoras das escolas por vezes faziam de tudo para que eu não fosse lotada na escola, em virtude do excesso de atestados médicos.

equivocadamente para Ave Branca, o que justifica o fato de nomes de instituições e empresas referência à “Ave Branca”. Posteriormente, tese lingüística do poeta Antônio Garcia Muralha revelou que Taguatinga de “Ta’Wa’Tiga”, significa “barro branco”, ocorrência geológica que se verifica na região, e que “Ave Branca” vem de “Uirá-Tiga”. Taguatinga fica localizada a cerca de 19 quilômetros de Brasília, no Distrito Federal.

⁴ Histórico da Região Administrativa São Sebastião–RA XIV: as terras que hoje constituem a Região Administrativa XIV pertenciam, antes da mudança da nova capital, às fazendas Taboquinha, Papuda e Cachoeirinha. Com o início das obras da construção de Brasília, essas fazendas foram desapropriadas e a partir de 1957, nelas se instalaram olarias. Posteriormente, as terras foram arrendadas por meio da Fundação Zoobotânica do DF, com objetivo de atender a demanda da construção civil existente na época. Mesmo com as olarias desativadas, a população permaneceu na área desenvolvendo-se um vilarejo, ao longo do córrego Mata Grande e Ribeirão Santo Antônio, que ficou conhecido como Agrovila São Sebastião. No princípio a Agrovila era habitada por comerciantes de areia, cerâmica e olaria. Com a intensificação da imigração surgiram várias invasões de áreas públicas cujos moradores, posteriormente, foram removidos para a localidade. Até 1993, a Agrovila São Sebastião fazia parte da RA VII Paranoá, e por meio da Lei no467/93 foi criada a Região Administrativa São Sebastião. Até 2004 parte do Jardim Botânico fazia parte da região, quando a Lei 3.435 de 31/08/2004 a transformou na Região Administrativa XXVII. A população urbana de São Sebastião foi estimada no ano de 2013, em 97.977 habitantes. A população concentra - se na categoria dos que têm o nível fundamental incompleto (40,43%) e ensino médio completo (19,11%). Vale destacar que 1,97% da população de São Sebastião não teve acesso ou não concluiu o ensino fundamental e o ensino médio em idade apropriada, tendo em vista ter frequentado ou frequentar o EJA –Educação de Jovens e Adultos. Uma das escolas de São Sebastião se chama Centro de Ensino Cerâmica São Paulo.

E o que minha trajetória de vida tem a ver com a Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores/as? O que estes relatos têm a ver com este curso? Para quê relatar estes fatos da minha vida? Possivelmente alguns não vejam sentido em conhecer a minha história pessoal. Mas meu objetivo em compartilhá-la é analisar como nós, professores/as, somos factíveis das fragilidades humanas e por isso discriminados/as pela comunidade escolar. Rememorar faz perceber como nossa história não é levada em conta, até mesmo pelo fato de desconhecermos quem somos, de onde viemos, qual é a nossa trajetória pessoal e profissional, quais são nossas fragilidades emocionais, o que nos causam sofrimento, o que nos sensibiliza, quais são nossos sonhos e projetos.

Em nosso trabalho o que é valorizado é a nossa competência técnica, nossa produtividade, a capacidade de desenvolvermos um trabalho de qualidade e acabamos por ser estigmatizados se não atendemos as expectativas da comunidade escolar. Nós professores/as fomos formados/as para formar seres humanos, temos que dar “conta do recado” e possuir uma conduta ilibada, onde qualquer comportamento que fuja da “normalidade” é rejeitado. É inadmissível um/a professor/as sofrer problemas psicológicos e/ou psiquiátricos, necessitar ser medicado para curar os males do corpo, da mente, da alma e do espírito. Entretanto somos adultos trabalhadores/as e assim como nossos alunos/as jovens e adultos trabalhadores/as, somos humanos; choramos, sorrimos, sonhamos, desejamos ser felizes, adquirir outros conhecimentos e ser cada dia um ser humano melhor.

Desconsideramos que assim como os/as estudantes, também estamos em formação, (re) construindo nossas “identidades, resignificando nossas crenças, valores, nos reinventando a cada aprendizado. Reconstruindo a historicidade de vida me deu uma capacidade real de compreender como as histórias de pessoas também são importantes para nos forjar e nos transformar no que somos. Sempre que penso a educação e a escola de hoje, me reporto a escola que tive e esse referencial me ajuda a ter uma visão mais crítica do que temos no presente. Procuo ter um olhar mais sensível e uma escuta mais acurada, na perspectiva de exercitar a alteridade.

Vale destacar algumas experiências recentes que foram um divisor de águas na minha trajetória e no entendimento que passei a ter sobre questões que me inquietaram ao longo dos meus 22 anos de profissão. Ingressei na disciplina “Pensamento Negro Contemporâneo”, que discute as questões raciais no Brasil. O acesso a produções de autores/as cujas reflexões descortinaram meu olhar em relação às questões da população negra, sem dúvida foi um momento que deflagrou meu processo de enegrecimento político. A partir dali, o trabalho com a educação para as relações étnico-raciais se tornou o ar que me manteve e me mantém viva. Na busca de novos olhares, iniciei uma disciplina que

analisa e reflete a presença feminina no cinema negro, e que abriu meus olhos de modo a enxergar um mundo de possibilidades de desconstrução de estereótipos por meio do audiovisual.

Percebi que era preciso desconstruir os estereótipos, partindo da desconstrução da representação social dos negros/as e que a melhor estratégia seria mostrar as experiências positivas, apresentar professoras negras que demonstrassem que é possível realizar o trabalho com a educação para as relações raciais no espaço escolar. Parti dessa linha mestra para “parir” o filme “Elas Falam: narrativas de trajetórias de professoras negras no (do) Distrito Federal”. No audiovisual, as narrativas das mestras trazem à tona as experiências que vivenciaram ao tentar promover, nas escolas públicas, atividades relacionadas à valorização da cultura afro-brasileira. Por meio deste documentário pretendeu-se dar voz a estas professoras e visibilizar o trabalho desenvolvido por elas, visando a construção de uma educação antirracista. Objetivou-se também fazer com que estas narrativas e memórias, pudessem ser fontes de referência afirmativa para outras/os professoras/es negras/os se inspirarem nestas práticas ressignificando as suas próprias no ambiente escolar.

A possibilidade de produzir um documentário com professoras negras do Distrito Federal que trabalhavam acerca das questões étnico-raciais antes da promulgação da Lei Federal 10.639/2003 - que a partir do ano de 2003 torna obrigatório nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares do Brasil, o ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, reafirmou a importância de criar “espaços e tempos” para ouvir a voz do outro, as narrativas das pessoas, para conhecer suas experiências, aprender com elas sobre um tema que está impregnado em nossas peles e pouco se fala sobre ele, a negritude.

A experiência de produção de um audiovisual despertou a possibilidade de tratar questões delicadas de forma a sensibilizar as pessoas para uma reflexão aprofundada, sobre algo que é primordial, de modo a não ferir suscetibilidades. Vi a reação das pessoas diante dos relatos, os depoimentos emocionados descrevendo histórias de luta e desafios vivenciados por elas. Percebi que de forma natural os/as espectadores também praticaram o exercício da alteridade acompanhando a reflexão nos depoimentos. Mas algo muito mais importante para mim, foi perceber como a relação com as minhas professoras teve influência direta na minha vida e certamente a relação que os/as professores/as de EJA têm com os/as estudantes influenciam em suas vidas.

Ao procurar um tema para o Projeto Interventivo Local – PIL que fizesse efetivo sentido, considerei algumas questões que são fundantes do meu encontro com a negritude: a trajetória como estudante e como professora; a ressignificação de paradigmas

relacionados às questões raciais e as recentes motivações que inspiram a continuar pesquisando sobre o trabalho de valorização da cultura afro-brasileira como vetor do fortalecimento de identidades, e a importância do audiovisual como linguagem que possibilita desconstrução, ressignificação e criação de novos olhares sobre a realidade.

O projeto “Educação de Jovens e Adultos e Diversidade Étnico – racial: Narrativas e Olhares de Atores e Atrizes”, propõe oportunizar a reflexão sobre os processos identitários a partir das narrativas destes atores e atrizes da EJAT, que são personagens reais e protagonizam no cinema, aqui considerado como suas próprias vidas. Estudantes que possuem histórias e assim como eu, conseguem ter um olhar sobre si, sobre como as experiências vivenciadas contribuíram para a formação de suas “identidades”. A maioria dos/as estudantes da EJAT faz parte de grupos invisibilizados, discriminados, excluídos historicamente, quer seja por questões raciais, de gênero, orientação sexual, sócio – econômicas, dentre outra. Muitos/as podem ser conscientes das violências a que foram submetidos/as, outros/as talvez não o sejam ou não desejem refletir e discutir sobre o assunto.

O foco é a Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores, a (re) educação dos seus olhares sobre si e o outro, considerando-os como protagonistas, ou seja, atores e atrizes de seus próprios filmes/vidas. Considerando a complexidade de um processo de intervenção pedagógica em uma comunidade escolar, o planejamento se apoia em algumas questões que são norteadoras: a primeira é possibilitar que a comunidade escolar conheça a história pessoal destes/as personagens, contadas a partir do seu olhar; ouvir as histórias de suas vidas a partir de seu ponto de vista, do olhar que possuem sobre eles/as mesmos. A segunda é a proposição da produção de um audiovisual realizado pelos/as próprios/as estudantes, que terão as suas histórias como as de outros/as estudantes registradas no filme; conhecer a história de vida, a história do lugar, o motivo pelo qual abandonaram os estudos, quem são. A terceira questão refere-se ao conhecimento e valorização da cultura afro-brasileira, refletindo sobre a identidade e o corpo negro, como ele é representado no espaço escolar e na sociedade; discutir as questões raciais, criar possibilidade de inseri-la nos debates no âmbito escolar. Especialmente, despertar na comunidade escolar a necessidade de incluí-la no Projeto Político Pedagógico da escola, como eixo central, garantindo o reconhecimento e valorização da diversidade no espaço escolar. Destaca-se ainda, apresentar a biografia de personalidades negras das comunidades próximas, nacionais e da diáspora negra, desconhecidas pela sociedade.

A escolha do Centro de Ensino Médio – CEMSO, como “chão da escola” onde desenvolverei, tem como motivação uma das motivações saber da existência do PIL intitulado como “A História no Cinema e o Cinema na Escola” disponibilizado na Biblioteca

Digital desse curso de autoria da professora Maria Rúbia de Oliveira Silva na segunda edição deste curso de Especialização. Conforme, (SILVA) o PIL teve como objetivo “inserir a arte do cinema no processo de ensino-aprendizagem por meio de uma visão multidisciplinar como um meio de aproximar o público estudantil da narrativa audiovisual”. Atualmente ela trabalha com quatro turmas na escola e relata que a evasão é grande, tendo hoje um quantitativo de 15 alunos distribuídos nas turmas que rege. O interesse pelo cinema como estratégia pedagógica, pode facilitar o encontro entre duas professoras com olhares distintos, mas que veem no cinema a possibilidade de repensar o que se vê, e como se vê. Acreditamos que o tema de interesse comum possibilite a boa receptividade, acolhimento e parceria para a execução do projeto.

O cinema é um recurso audiovisual que nos permite lançar mão de várias linguagens e técnicas para dar vida às histórias que se quer contar, todas impregnadas de sentidos. Mesmo quando não há intenção de transmitir mensagens, as imagens são transmitidas e ressignificadas a partir da leitura de mundo do espectador. As imagens, os sons, as palavras causam sentimentos e emoções diversas em cada espectador. As tramas vividas pelos/as personagens no cinema, podem ser semelhantes às vivenciadas ou conhecidas pelos que assistem as histórias.

Talvez não tenhamos a dimensão da importância de cada história vivida por cada um/a de nós que protagonizamos histórias, que compõem a história social humana. Neste período histórico que hoje vivemos, no tempo e no espaço, poderemos ser anônimos, ou poderemos ser personalidades expressivas por algum feito na sociedade. Todavia estas histórias podem se perder ao longo da história, quando não somos estimulados a contá-las. Essa expressividade objetiva-se na apropriação e recriação feita por cada protagonista em sua narrativa, que se apodera de seus caminhos rumo ao próprio desenvolvimento em suas relações e fazeres coletivos.

5 JUSTIFICATIVA E CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA

5.1 A REALIDADE HISTÓRICA DA POPULAÇÃO NEGRA BRASILEIRA

O Brasil tem como legado o colonialismo e o escravismo. Foi forjado a partir da exploração dos indígenas que aqui estavam e dos africanos capturados, que vieram na condição de escravizados/as. A imagem do negro tem sido associada a um ser animalizado, coisificado, desprovido de capacidade intelectual. O racismo contra os negros na nossa sociedade vem sendo praticado desde os primórdios de nossa história.

A sociedade brasileira sempre foi multicultural, desde os 1500, data que se convencionou indicar como de início da organização social e política em que vivemos. Esteve sempre formada por grupos étnico-raciais distintos, com cultura, língua e organização social peculiares, como é o caso dos povos indígenas que por aqui viviam quando da chegada dos portugueses e de outros povos vindos da Europa. Também os escravizados, trazidos compulsoriamente para cá, provinham de diferentes nações e culturas africanas conhecidas por pensamentos, tecnologias, conhecimentos, inclusive acadêmicos, valiosos para toda a humanidade. No entanto, esta diversidade não foi e hoje o é, com muita dificuldade, aceita. Fala-se e pensa-se como se a realidade fosse meramente uma construção intelectual; como se as desigualdades e discriminações, malgrado as denúncias e reivindicações de ações e movimentos sociais não passassem de mera insatisfação de descontentes. (SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves, 2007, p. 493).

Analisando do ponto de vista da territorialidade o processo diaspórico foi configurado na desagregação entre os africanos, por provocar a incapacidade de mobilização política, advinda da dificuldade de comunicação entre eles/as por serem oriundos de várias “Áfricas”, tendo formas linguísticas plurais. O corpo negro foi deslocado, ocupando um “não lugar” desenraizado, sendo os saberes e fazeres desconsiderados e marginalizados.

O processo da escravidão conforme afirma Sales Augusto dos Santos (2005) foi o maior crime praticado contra os negros, que resultou numa profunda desigualdade racial e social entre negros e brancos no Brasil em praticamente todas as esferas sociais brasileiras; sobre essa herança histórica de mais de quinhentos anos de opressão, negação de dignidade, educação e direitos, afirma que:

A profunda desigualdade racial entre negros e brancos em praticamente todas as esferas sociais brasileiras é fruto de mais de quinhentos anos de opressão e/ou discriminação racial contra os negros, algo que não somente os conservadores brasileiros, mas uma parte significativa dos progressistas recusam-se a admitir. (SANTOS, 2005, p.16).

Essa recusa referida pelo autor pode ser ancorada no argumento da inexistência do racismo e da discriminação racial e nesta perspectiva é impossível combater algo que não existe. Pondera que a discriminação racial é traduzida pela desigualdade racial e afirma que o Brasil produziu duas cidadanias, a dos brancos e dos negros é comprovada por meio de pesquisas, como a apresentada por Marcelo Paixão, que traz a injustiça social representada pelo índice de desenvolvimento humano, desagregando o quesito cor/raça, temos o Brasil no 74º lugar no ranking da Organização das Nações Unidas - ONU, ao analisar separadamente as informações de pretos, pardos e brancos sobre renda, educação e esperança de vida ao nascer, o IDH nacional dos pretos e pardos despencaria para a 108ª posição, figurando entre aqueles dos países mais pobres do mundo, enquanto o IDH dos brancos subiria para a 48ª posição.

Se questionarmos como se constituiu nossa identidade nacional, na tentativa de buscar uma melhor compreensão deste processo, certamente teremos como resposta, que a construção da identidade nacional se deu a partir da miscigenação. Dessa forma, o mito da democracia racial, ideia de que não existe racismo no Brasil, impede que a sociedade busque combatê-lo. A dificuldade de compreensão e aceitação do que é o mito da democracia racial e do que ele representa para a população negra vem sendo o grande gargalo das questões raciais.

A indagação de como discriminar a população negra, se a miscigenação assegura a irmandade e solidariedade entre os/as brasileiros/as? Este argumento vem sendo recorrente, o que dificulta a comprovação do racismo provocando uma série de constrangimentos e sofrimentos aos/as negros/as. Combater o que não existe, esvazia o debate acerca das relações raciais, por conseguinte, anula a necessidade de fazê-lo. Conforme pondera Gomes (2003):

Todavia, a sociedade brasileira, ao longo do seu processo histórico, político, social e cultural, apesar de toda a violência do racismo e da desigualdade racial, construiu ideologicamente um discurso que narra a existência de uma harmonia racial entre negros e brancos. Tal discurso consegue desviar o olhar da população e do próprio Estado brasileiro das atrocidades cometidas contra os africanos escravizados no Brasil e seus descendentes, impedindo-os de agirem de maneira contundente e eficaz na superação do racismo. Outras vezes, mesmo que as pessoas e o próprio poder público tenham conhecimento da distorção presente no discurso da harmonia racial brasileira, usam-no política e ideologicamente, argumentando que não existe racismo no Brasil e, dessa forma, julgam que podem se manter impassíveis diante da desigualdade racial. (GOMES, 2003, p. 57)

Outra ideia que ronda o pensamento brasileiro é a justificativa de não existir “raça”, que biologicamente as pesquisas comprovaram que só existe a “raça humana”. O entendimento do que vem a ser raça não se ancora no sentido biológico, mas sim no

processo de classificação a partir de critérios estabelecidos, que hierarquiza um grupo racial perante o outro. O fator “cor” foi predominante na classificação entre os grupos ao longo da história, assim como os traços fenóticos. Pesquisadores como Nina Rodrigues, basearam suas pesquisas na tese da diferença entre a medida craniana dos negros em relação às demais raças, o que segundo seus estudos resultaria na degenerescência e na propensão deste grupo racial à marginalidade, ou seja, os negros estavam mais propensos a cometer crimes.

Ainda hoje no imaginário coletivo o espaço de marginalidade é ocupado de forma naturalizada pelos negros, ocupando um lugar no sistema manicomial e prisional, nas moradas das ruas, vagando por espaços, ainda deslocados na sociedade. A polícia o reconhece como “elemento, cor, padrão”, a escola, como indisciplinados, com dificuldades de aprendizagens, integrantes de famílias desestruturadas; a sociedade o enxerga como “preto, pobre e perigoso”. Se por um lado a sociedade não enxerga a premência na discussão sobre as questões raciais, do outro, este tema tem ganhado espaço entre os/as pesquisadores/as que reconhecem a escola como uma das instituições capazes de contribuir para a desconstrução destes estereótipos.

Em que medida é percebido e admitido pelos/as educadores/as a existência do preconceito e discriminação racial no espaço escolar? Será que os/as estudantes da EJA refletem a partir de suas experiências pessoais, que a escola pode reproduzir e construir novos preconceitos, gestando em seu cotidiano situações de racismo?

5.2 REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO NEGRO

A partir desse contexto esboçado, é necessário revisitar leituras a respeito da produção dessa mentalidade, com apoio na ideia de representação social. A representação do Negro no Brasil vem sendo alvo de discussão entre os/as pesquisadores/as negros, dos pioneiros aos contemporâneos. Analisar a subjetividade posta nas mensagens imagéticas, tem alimentado este debate que é antigo na comunidade negra.

Definir a representação do negro no Brasil é uma tarefa complexa, ao buscarmos conceituar o termo “representar”, encontramos alguns significados como “ser a imagem, o símbolo, a reprodução de”; encenar; interpretar (um personagem); desempenhar (papel) como ator; atuar em teatro, cinema, televisão. Embora desempenhemos vários papéis no âmbito público e privado, será que possuímos a dimensão do que cada papel desempenhado representa culturalmente em nossa sociedade? Será que é sabido o que é ser negro, quais os papéis que desempenha? Será que a imagem do negro de hoje é a mesma de antes? Qual a imagem que as pessoas fazem do negro? A quais símbolos estas

imagens estão relacionadas? Em se tratando da representação do negro no Brasil, essa imagem tem sido construída histórica e culturalmente sobre esta população? Estes questionamentos podem nos orientar sobre a reflexão da representação social do negro no Brasil.

Nas reflexões propostas por Rafael Augustus Sêga (2000) sobre representações sociais, em seu artigo “O Conceito de Representação Social nas Obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici”, traz o conceito como uma forma de refletir sobre o cotidiano, sobre a vida e tudo que está ligado a ela: o fazer, o sentir, o interagir, a partir do estabelecimento das múltiplas relações. Afirma que:

As representações sociais se apresentam como uma maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana, uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar suas posições em relação a situações, eventos, objetos e comunicações que lhes concernem. O social intervém de várias formas: pelo contexto concreto no qual se situam grupos e pessoas, pela comunicação que se estabelece entre eles, pelo quadro de apreensão que fornece sua bagagem cultural, pelos códigos, símbolos, valores e ideologias ligados as posições e vinculações específicas. Em outras palavras a representação social é um conhecimento prático, que dá sentido aos eventos que nos são normais, forja as evidências da nossa realidade consensual e ajuda a construção social da nossa realidade. (SÊGA, 2000, p.129).

Segundo o autor, a representação é sempre uma maneira de atribuição da posição que as pessoas ocupam na sociedade, toda representação social é representa algo ou alguém. Ela não se baseia em um modelo real ou idealizado, tampouco parte da subjetividade ou da objetividade, é o processo pelo qual se estabelece a relação entre o mundo e as coisas. Ressalta que:

O aspecto da imagem, o lado figurativo da representação, é inseparável de seu aspecto significativo, a estrutura desdobrada de cada representação tem duas faces tão indissociáveis como o verso e o reverso de uma folha de papel: a figurativa e a face simbólica. Mesmo nas representações sociais básicas, é o processo de elaboração cognitiva e simbólica mais básicas, que estabelece os comportamentos. É esse o sentido que a noção de representação social inova em relação as outras formas psicológicas, ela relaciona processos simbólicos e procedimentos. Mas pode-se afirmar a partir disso, que as representações circulam na sociedade, e que, assim elas próprias terão um papel e uma eficácia específica. (SÊGA, 2000, p. 129).

Outro autor, Erlando da Silva Reses (2004), que ancora suas pesquisas na teoria das representações sociais, comenta que as representações sociais orientam e organizam os comportamentos e as comunicações sociais, interferindo na propagação e na apreensão de conhecimentos, no desenvolvimento humano, na definição das identidades pessoais e sociais, nas expressões dos grupos e nas transformações na sociedade. Denise Jodelet

(2001), explica que as representações sociais, enquanto fenômenos complexos, apresentam diversos elementos: informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens, etc. (apud RESES, 2004, p. 51). Para Serge Moscovici (2001, apud RESES, 2004, p. 49), não existe um indivíduo abstrato, portador de esquemas mentais e lógicos universais aplicáveis a qualquer situação, mas sim, indivíduos localizados em diferentes grupos sociais concretos, nos quais compartilham, constroem e reafirmam representações sociais.

Os fenômenos de representação social estão em todos os espaços da sociedade, fazendo parte da cultura, estando presentes nas instituições, nas práticas sociais (individuais e coletivas), nos diferentes meios de comunicações. Pois a forma como pensamos e lemos o mundo, tem relação direta com o capital cultural adquirido.

A família, a escola, espaços de lazer, instituições religiosas, cada uma destas instituições tem uma representação na vida humana, definidas por uma série de signos, códigos, normas que são mutáveis. Todas elas, influenciam no processo de construção identitária. Todas estas instituições constituem a sociedade e têm funções pré-estabelecidas, ainda que em menor ou maior grau, moldam os sujeitos. A reprodução das normas, regras e valores incide sobre os sujeitos sociais. Portanto por meio da comunicação são transmitidos valores, crenças, ideologias. As diferentes maneiras de se comunicar constroem a representação do negro. Na literatura, na mídia impressa e televisiva, nas músicas, brincadeiras, nas manifestações culturais, estão presentes as representações sociais que constituem a sua imagem.

Podemos considerar um dos significados de representar, associando ao artístico na concepção artística da representação do ator e atriz representando vários personagens quer seja no teatro, na televisão, ou no cinema. Representações que podem ser definidas criando personagens de uma trama, em que esta constitui as histórias de vida de cada uma delas, mas que na representação dos/as personagens são associadas ao papel social que representa naquela trama. Por meio do trabalho artístico, há diversas maneiras de linguagem, maneiras de comunicação. A linguagem oral, escrita, visual, compõe estas formas de expressão. Na literatura as histórias são registradas e contadas por meio de palavras, as narrativas compõem e representam valores e representações sociais.

Iniciar refletindo como vem sendo representado o negro no Brasil, nos faz retomar em nossa memória qual tem sido o seu lugar na sociedade, em tudo que existe nela. Nas artes, de que forma ele é representado? No cinema, no teatro, na televisão, na literatura? Podemos fazer uma analogia, associando esse lugar ocupado nas artes aos lugares ocupados nos espaços de poder, na representação política e na inserção sócio-econômica?

Na Televisão o “black face”⁵ é utilizado nos programas humorísticos, muitos dos/as atores e atrizes negros/as que figuram no cenário artístico, representam personagens que desempenham papéis subalternos, são coadjuvantes nas tramas, pouco são vistos, e quando são, estão servindo os padrões e patroas, em geral protagonizados por atores brancos. Outro espaço comumente ocupado pelos atores negros na televisão e no cinema está relacionado a marginalidade, desempenhando papéis de bandidos, assassinos, vagabundos. São personagens que são desumanos, a crueldade e perversidade fazem parte da personalidade, são temidos e odiados pelo elenco das histórias encenadas (na maioria das vezes formado majoritariamente por personagens brancos).

Em se tratando das relações afetivas e de amor, se relacionam entre pares, a erotização dos corpos tem a vulgaridade impressa. A favela, o morro, o barraco e a rua é a morada destes personagens na ficção. Nos programas humorísticos aparecem desempenhando papéis de “mendigos”, “burros”, “pobres” e outras maneiras pejorativas.

O corpo negro na atualidade ainda ocupa o espaço do “não lugar”, deslocado nos espaços, ou ocupando espaços da invisibilidade e subalternidade. Os espaços dos que servem a sociedade como empregados/as domésticos/as, é um espaço fisicamente pequeno e separado do convívio da família, muitas vezes com a alegação de não serem pessoas que desejam ter proximidade além da profissional, muitas vezes são estas pessoas que contribuem com a criação dos filhos, oferecendo seus trabalhos no exercício do “cuidado” e no contexto da organização da rotina doméstica de uma casa.

A importância do conhecimento e apropriação dos mecanismos de construção de mentalidades está sobretudo, nas possibilidades que se apresentam para revertê-las mediante estratégias eficazes de enfrentamento e combate no seu principal território, o da representação simbólica. Território este que é campo de atuação da educação em sua especial função de exercitar o pensamento crítico reflexivo desde a infância à maturidade.

5.3 ATORES E ATRIZES ENSAIANDO UM OUTRO ENREDO EM NOVOS CENÁRIOS

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade que atende pessoas que foram excluídas do processo educacional formal sendo impedidas por diversos motivos a estudar no tempo certo. Desse modo a democratização e o acesso de ensino de qualidade é uma premência para esta clientela.

⁵ black face - era um procedimento utilizado para representar personagens negros, por meio da pintura no rosto de atores e atrizes brancos, com a justificativa de que não havia atores negros com formação para atuar em teatros e mídia televisiva.

Considerando essa realidade, algumas questões precisam ser problematizadas, sabemos quem são esses e essas estudantes? Quando e porque evadiram? O Currículo em Movimento da Educação Básica afirma:

Os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos são pessoas jovens, adultas e idosas da classe trabalhadora, que ao longo da sua história, não iniciaram ou mesmo interromperam a sua trajetória escolar em algum ou em diferentes momentos de sua vida. São mulheres e homens que sofrem severamente as consequências de uma lógica estrutural capitalista, notadamente injusta e perversa. São moradores da cidade e do campo, trazem a marca da exclusão social e buscam assegurar a sobrevivência do seu grupo familiar. Estão compreendidos na diversidade e multiplicidade de situações relativas às questões étnico-raciais, de gênero, geracionais, culturais, regionais e geográficas, de orientação sexual, de privação da liberdade, de população em situação de rua e de condições físicas, emocionais e psíquicas. Integram os mais diversos grupos sociais, participantes ou não de movimentos populares e sociais (CURRÍCULO EM MOVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, 2014, p. 14).

Fazer outras indagações nessa linha de pensamento são fundamentais. Se esses sujeitos trazem a marca da exclusão social, tem a escola pautado suas ações pedagógicas firmemente direcionadas para contribuir na reversão das situações que produzem o isolamento dessa população? Como a escola poderia potencializar o protagonismo desses atores e dessas atrizes para pensar e atuar em um projeto ampliado de melhoria dessas condições? Qual a relação que a invisibilidade da população negra tem a ver com a EJA?

A proposta aqui apresentada objetiva oportunizar a experiência de narrativa de si, de conhecimento das próprias histórias, com a mediação do cinema como ferramenta pedagógica. Desenvolver uma reflexão sobre o protagonismo dos/as estudantes da EJA relacionado a representação do negro, educação e audiovisual; a partir da reflexão dos filmes “Vida Maria” e “Elas Falam”. Dentre outras realizar a produção de um vídeo veiculando relatos da trajetória escolar desses e dessas estudantes por meio de uma experiência coletiva.

O estudo proposto tem como ação prática pedagógica a exibição desses filmes, na perspectiva de pensar suas narrativas pessoais baseadas em suas experiências escolares. Partindo da análise inicial dos filmes supracitados, realizaremos algumas provocações tentando buscar experiências que se aproximam e que se afastam das histórias dos/as personagens. O filme “Vida Maria”, produzido por Márcio Ramos foi premiado na Mostra no Anima Mundi em 2007 e propõe a reflexão da vida de muitas “Marias” que no sertão nordestino são excluídas do processo educativo formal pela necessidade de optarem entre a escola e o sustento. Retrata o ciclo de reprodução na vida dessas mulheres que possuem muitos filhos/as. Aborda a dedicação que os afazeres domésticos e a criação dos/as

filhos/as impõe. A primeira questão que nos interessa é saber quais foram as razões pelas quais os/as estudantes interromperam suas trajetórias escolares.

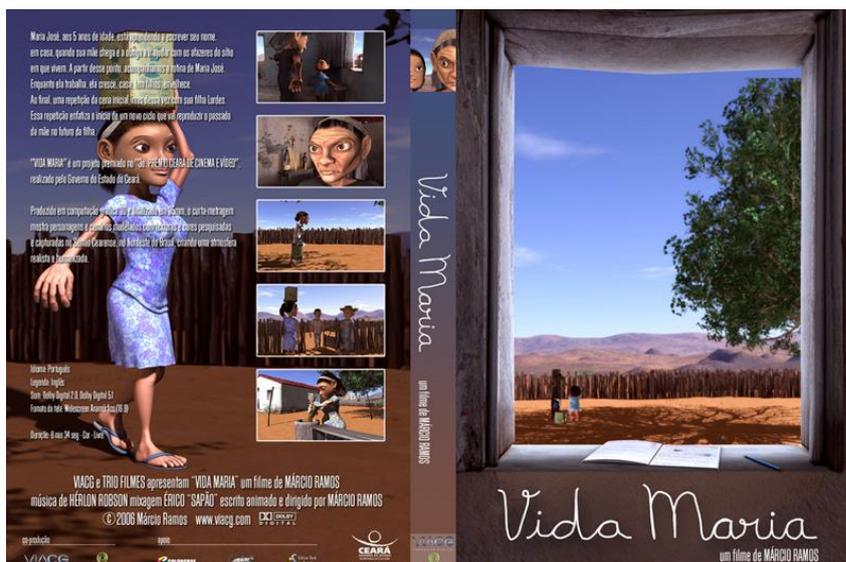


Figura 1 – Capa do filme..Fonte: Imagem do filme vida de Maria.

O documentário “Elas falam” foi produzido por Renata Parreira em 2014 sobre as narrativas de professoras negras do Distrito Federal que trabalhavam as questões raciais em sala de aula num período anterior a promulgação da Lei 10639/2003. Nos depoimentos são revelados históricos de exclusão e de discriminação racial em suas trajetórias escolares. Contam que o trabalho com a valorização da cultura afro-brasileira teve como inspiração a possibilidade de contribuir com a afirmação identitária de alunos/as negros/as e promover o respeito a diversidade nas escolas em que trabalharam.

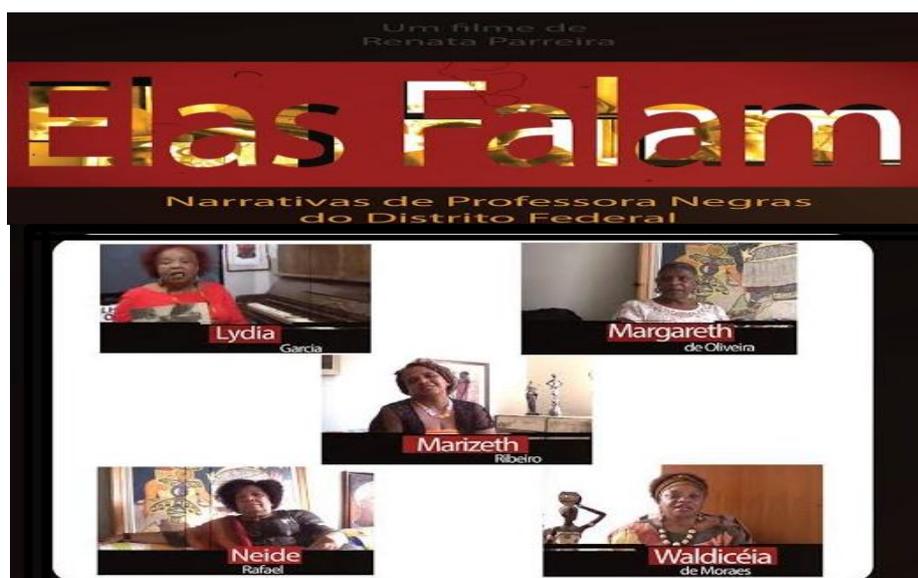


Figura 2 –.Documentário “Elas Falam: Narrativas de Professoras Negras do Distrito Federal de Renata Parreira. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VnxqzrhJZdI&feature=youtu.be>

Entre tantos desafios deste PIL, a problematização acerca dos filmes supracitados oportuniza a possibilidade da experiência crítica reflexiva de “olhar para o mundo e o olhar para si”. Fernando Hernandez (2007) aponta que “as representações visuais contribuem assim como espelhos, para a constituição de maneiras e modo de ser”.

As representações visuais influenciam nossas vidas cotidianamente e a televisão tem sido um dos canais de comunicação mais acessados pela população invadindo a intimidade do espectador, trazendo o público para sua vida privada. Rosa Maria Bueno Fisher (2007) considera que atualmente a TV ainda é considerada uma grande fonte de lazer e informação, “ela certamente nos oferece uma janela para o mundo, uma possibilidade de acesso a informações imediatas sobre acontecimentos de diferentes pontos do planeta” afirma.

No entanto o que chega aos/as espectadores/as nem sempre são elementos para uma formação política ampla, Joel Zito Araújo comenta:

Diante de uma televisão cada vez mais tomada por banalidades e leituras superficiais do país e do mundo, o cinema brasileiro apresenta-se como uma alternativa enriquecedora de experiências e ampliadora dos horizontes culturais e espirituais daqueles que têm a chance de assisti-lo. (ARAÚJO, 2011)

Um dos alvos de preocupação na área educacional vem sendo como essas informações contribuem para a (re) constituição dos sujeitos e das representações sociais? Como os temas da atualidade são abordados nos programas de TV? De que forma são interpretados pelos/as espectadores/as? Considerar estes questionamentos como uma oportunidade de inserção de uma nova proposta pedagógica é adotar o audiovisual como ferramenta pedagógica.

Nesse sentido na publicação “Negritude, Cinema e Educação – Caminhos para a implementação da Lei 10.639/2003, organizada por Edileuza Penha de Souza é proposto por ela olhar o cinema como um caminho para a educação e a reflexão sobre o valioso material pedagógico que se tem nas mãos, comenta:

Na sala de aula, como em qualquer espaço educativo, o cinema é um rico material didático. Agente socializante e socializador, ele desperta interesses teóricos, questionamentos sociopolíticos, enriquecimento cultural. E cada vez mais, tem-se intensificado o número de programas educativos e formativos em que o cinema é utilizado como um dos aparatos tecnológicos da educação. (SOUZA, 2011, p. 9)

Sem dúvida assistir filmes nos possibilita acurar o senso crítico, ter um olhar mais atento e escuta sensível das imagens vistas da janela do mundo, Rosália Duarte (2002) faz

uma reflexão de como a análise de filmes pode contribuir com os/as docentes e os/as discentes no processo de partilha de novos saberes e olhares, pondera:

Analisar filmes ajuda professores e estudantes a compreender (apreciar e sobretudo, respeitar) a forma como diferentes povos educam/formam as gerações mais novas. É sempre um novo mundo, construído na e pela linguagem cinematográfica, que se abre para nós quando nos dispomos a olhar filmes como fonte de conhecimento e de informações (DUARTE, 2002, p. 106).

O cinema vem sendo uma importante possibilidade de se pensar o mundo relacionando aos processos de identidade individual e coletivos. Ao assistir filmes leituras e interpretações são feitas e um leque de mensagens, possibilidades se abrem. Joel Zito Araújo (2011) comenta que um filme abre “as várias janelas de leitura que são abertas na análise de cada filme” (ARAÚJO, 2011) ressalta que “Os professores brasileiros são hoje um dos mais importantes aliados na formação do público de cinema e no aproveitamento de sua diversidade de enfoques sobre a realidade do nosso país”.

Por trás do chamado “receptor” (agora colocado entre aspas), existe um sujeito social dotado de valores, crenças, saberes e informações próprias de sua (s) cultura (s), que interage, da forma ativa, na produção dos significados das mensagens (DUARTE, 2002, p.65).

O cinema trouxe esta possibilidade de documentar histórias fictícias ou baseadas em fatos reais: registrar, narrar, contar, aproximar do real, imaginar, criar, produzir, inventar, de uma forma valiosa, lançando mão da fotografia, do som, da dança, do teatro, escultura e da pintura. Ao assistir um filme, assistimos as tramas vividas. Se fizermos uma retrospectiva do filme de nossa vida, podemos projetar onde estaremos, de que forma nos veremos, qual terá sido ou poderá ser nossa trajetória. Somos atores e atrizes no enredo de nossas vidas, desempenhamos vários papéis. Atuamos em espaços públicos e privados na sociedade. Vivemos vários dramas, nos emaranhamos nas tramas dos enredos das nossas próprias vidas. E como nos filmes, em alguns momentos somos o/a personagem principal, o ator e a atriz que está sob os holofotes. A intensidade da luz é dada de acordo com o grau de importância do/a personagem na cena. Em outros apenas imagens distorcidas, pouco nítidas no fundo da cena.

Na escola da vida o mesmo acontece, em alguns espaços somos os/as personagens principais a depender da função que desempenhamos. Na escola a intensidade da luz está introjetada na ambiência de sons, está presente nos silêncios, nas lacunas, nos vazios das ausências. Revela como as vozes dos/as nossos/as alunos/as são emitidas, de que forma damos voz a elas, de que maneira são ouvidas. E é possível que se tornem ecos em alguns

espaços educativos, de modo a ressoar a importância de serem ouvidos, de modo a ocupar o espaço legítimo de pensar a escola considerando o olhar e a necessidade do estudante.

Por que dentro da escola, onde tantas vidas e universos se encontram, sabemos tão pouco sobre eles/as? Muitos rostos caem no esquecimento, muitos dramas são ignorados ou não vistos. Muitas histórias não cabem dentro da escola, sua trama, sua configuração é incompatível com o formato em que se insere a escola, pois ela não tem capacidade de acolher todas elas.

Falar de narrativas, de olhares no espaço educacional, é expressão de vida, de experiências e percepções que ampliam nossa visão de mundo. A escola é vida que pulsa, vidas que num processo de imersão se dedicam a partilhar tudo que os constroem: fragilidades, potencialidades, desejos, sonhos. O cinema proporciona muitas satisfações diante da “vida vivida”, SOUZA (2011) comenta:

Acredito no cinema como um verdadeiro veículo de comunicação, como instrumento didático capaz de proporcionar reflexões e encantamentos. Também acredito que as novas tecnologias possibilitam novos interesses e novos olhares sobre a educação brasileira (SOUZA, 2011, p.16)

Sem dúvida o cinema desperta para outras leituras propiciadas pelos novos olhares. dos atores e das atrizes da EJA permitirão que vivenciem outros enredos em novos cenários.

5.4 EDUCAÇÃO E RELAÇÕES RACIAIS

A educação foi uma das importantes pautas presentes na agenda reivindicatória do Movimento Social, pelo entendimento de que por meio dela, se daria o processo de fortalecimento da identidade e a valorização da cultura negra. A Lei 10639/03 tornou obrigatório nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares do Brasil o ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira. A partir da aprovação pelo Conselho Nacional de Educação da Resolução 01 de 17 de março de 2004, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, tem - se um caminho direcionando as escolas a promover a implementação da lei nas escolas por meio de suas práticas pedagógicas.

Vale destacar que a legislação concernente a educação para as relações étnico-raciais tem o intuito de reeducar as relações raciais no Brasil, pensando um projeto de sociedade que elimine a hierarquização entre os grupos raciais referendados pela lógica eurocêntrica.

A educação das relações étnico-raciais tem por alvo a formação de cidadãos, mulheres e homens empenhados em promover condições de igualdade no exercício de direitos sociais, políticos, econômicos, dos direitos de ser, viver, pensar, próprios aos diferentes pertencimentos étnico-raciais e sociais. Em outras palavras, persegue o objetivo precípua de desencadear aprendizagens e ensinamentos em que se efetive participação no espaço público. Isto é, em que se formem homens e mulheres comprometidos com e na discussão de questões de interesse geral, sendo capazes de reconhecer e valorizar visões de mundo, experiências históricas, contribuições dos diferentes povos que têm formado a nação, bem como de negociar prioridades, coordenando diferentes interesses, propósitos, desejos, além de propor políticas que contemplem efetivamente a todos. (SILVA, 2006, p. 490).

A promulgação desta lei foi uma conquista para a população negra, construída pelos movimentos sociais que já figuravam nas agendas de lutas sociais como educação, saúde, segurança, dentre outras que asseguravam a constituição da cidadania e a dignidade da vida da população negra. Petronilha Beatriz Gonçalves Silva (2006) comenta que a avaliação do processo de educação das relações étnico-raciais precede a compreensão da articulação entre o aprender e o ensinar ao longo da história de formação da nação.

É sabido que aprender-ensinar-aprender, processo em que mulheres e homens ao longo de suas vidas fazem e refazem seus jeitos de ser, viver, pensar, os envolve em trocas de significados com outras pessoas de diferentes faixas etárias, sexo, grupos sociais e étnico-raciais, experiências de viver. Tratar, pois, de ensinamentos e de aprendizagens, é tratar de identidades, de conhecimentos que se situam em contextos de culturas, de choques e trocas entre jeitos de ser e viver, de relações de poder. (idem, 2006, p. 491).

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de educação ofertada às pessoas jovens, adultas e idosas, trabalhadores, que não acessaram a escolarização na idade estabelecida pelo tempo escolar. A impossibilidade destas pessoas terem ingressado na escola e ter dado continuidade no ensino formal tem diferentes e diversas razões. Alguns sujeitos precisaram trabalhar priorizando a sobrevivência, outros tiveram dificuldades de se manterem na escola e acabaram evadindo, para outros a escola não atendeu suas necessidades e em muitos outros casos ela excluiu, discriminou, marginalizou e expulsou do espaço escolar. A escola desconsiderou a diversidade existente nela não levando em consideração a história de nosso país e o protagonismo político dos diferentes grupos étnicos que constituíram nossa identidade nacional. A escola muitas vezes desconsidera os diferentes grupos sociais, ignorando as questões de gênero, sexualidade, étnico-racial, de sexualidade, de território, sócio - econômica.

No atendimento à EJA, em geral ignoram os saberes e fazeres, as trajetórias de vida a destes sujeitos, incluindo conteúdos no currículo que não fazem sentido em suas vidas, não contribuindo para uma desejada qualificação profissional com a intencionalidade de

ascenderem socialmente por meio da EJA. Em geral, esse estudante ficou de fora e o regresso para a escola se dá na modalidade EJA como uma última oportunidade.

A legislação que ampara esta modalidade está garantida pelo princípio constitucional da democratização do ensino, assegurando o acesso à educação como direito de todos, apresentado na Constituição Federal, nas Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei 9.394/2006, contemplado nos artigos 37 e 38, que destina a Educação de Jovens e Adultos aos que não tiveram acesso à educação básica na idade certa.

A escola acredita na maioria das vezes que contribuirá com a formação da identidade dos sujeitos, sendo dito no discursivo da escola, que o ser humano não é pronto e acabado, que sua identidade é dinâmica e mutável. Todavia ao se tratar de definir e desenvolver essa identidade, encontra -se a complexidade como resposta e até mesmo o silêncio do desconhecimento, o não saber como trabalhar esse objetivo.

Conforme aponta Nilma Lino Gomes (2005), no artigo que reflete sobre alguns termos que permeiam o debate sobre as questões raciais, é difícil de se chegar a uma resposta satisfatória e pontual a essa indagação sobre as identidades outros acreditam que é formada por meio da interação com o outro, em um processo de definição de si (autoidentificação) e de definição do outro (identidade atribuída), enquanto outros acreditam que a identidade individual está relacionada ao grupo pertencente. Ao refletir sobre a construção da identidade negra, Louro (1999, apud GOMES, 2005, p.42).

Enquanto sujeitos sociais, é no âmbito da cultura e da história que definimos as identidades sociais (todas elas, e não apenas a identidade racial, mas também as identidades de gênero, sexuais, de nacionalidade, de classe, etc.). Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que estes são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Reconhecer-se numa identidade supõe, portanto, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência. Nesse processo, nada é simples ou estável, pois essas múltiplas identidades podem cobrar, ao mesmo tempo, lealdades distintas, divergentes, ou até contraditórias. Somos, então, sujeitos de muitas identidades e essas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes, parecendo-nos, depois, descartáveis; elas podem ser, então, rejeitadas e abandonadas. Somos, desse modo, sujeitos de identidades transitórias e contingentes. Por isso as identidades sociais têm caráter fragmentado, instável, histórico e plural Louro. (1999, apud GOMES, 2005, p. 42).

E Gomes (2005) afirma ainda que para se pensar a construção da identidade negra, é necessário considerar inúmeras variáveis:

Assim, como em outros processos identitários, a identidade negra se constrói gradativamente, num movimento que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, no qual os contatos pessoais se estabelecem permeados de

sanções e afetividades e onde se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Geralmente este processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelece. (GOMES, 2005, p. 43).

Prosseguindo esse estudo, a autora indaga sobre como será a abordagem e reflexão acerca do tema em questão:

Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros(as). Será que, na escola, estamos atentos a essa questão? Será que incorporamos essa realidade de maneira séria e responsável, quando discutimos, nos processos de formação de professores(as), sobre a importância da diversidade cultural? (GOMES, 2005, p.43).

O processo educativo incide sobre a construção da pessoa concreta. Nas relações escolares o corpo negro tem sido um espaço conflitivo na escola porque a forma como as pessoas concebem o próprio corpo traz a marca da sua identidade, de suas origens culturais e interpretações que recebeu no corpo social.

Quando concebemos nossos corpos como marca de nossa identidade negra ou concebemos únicos, composto pela ori (cabeça) e aperê (suporte), essas duas partes são inseparáveis e nos diferem do corpo do outro. Cada ser é original e singular; é o corpo que estabelece nossos vínculos ancestrais. (SOUZA, 2010, p. 135).

Edileuza Penha de Souza (2010) comenta que a escola é, ou pelo menos deveria ser, um espaço de construção do diálogo, de realização de expressões, porém, tem se tornado o *locus* onde se desencadeiam as frustrações e as tristezas dos/as profissionais de educação, onde cada um(a) experimenta uma monotonia, em que os desejos, sonhos, noções e espontaneidade são colocadas em segundo plano. Tudo isso sem contar com as frustrações de expectativas relacionadas ao baixo rendimento, evasão e indisciplina do(a)s estudantes e, sobretudo, a falta de companheirismo e solidariedade, e a ausência do prazer vivido na escola.

Nesse sentido, a escola deve ser entendida como espaço onde são constituídas as identidades, as manifestações culturais, as expressões da cidadania onde o corpo e a corporalidade tenham sentido, vozes, desejos, sentimentos e alegria. Tudo isso contribui para a reelaboração das representações sobre si mesmo, sintetizadas na concretude corporal das pessoas e na coesão dos grupos.

SOUZA (2010) enfatiza para as professoras negras que “[...] um dos percursos de nossa trajetória profissional é a aprendizagem de lidar com nossos corpos e com nossa

corporalidade”. Sendo que a corporalidade e a espiritualidade compõem a estrutura dos seres humanos, nos diversos aspectos da alma, no investimento cultural dos sentidos da vida. Se o corpo negro também é conflitivo para as professoras negras, pode ter uma carga ainda maior aos estudantes, em especial aos estudantes da EJA que já carregam o estigma da incapacidade. A escola deve construir a aceitação das corporalidades, reconhecendo as diferenças de forma afirmativa. A corporalidade conforme citado vai para-além do corpo.

Corporalidade é o viver cotidiano de cada pessoa, individual e coletiva. Na corporalidade se expressa também a sexualidade reinterpretada e reproduzida graças à celebração do corpo como lugar de representações de valores. Está relacionada à existência, ao trabalho, ao lazer e ao tempo que dedicamos a cada uma dessas funções (SECAD, 2006, p. 217).

Neste sentido, o olhar da representação do próprio corpo pode contribuir para a (re) constituição da identidade negra é fundamental para o debate sobre o pertencimento dos grupos étnico-raciais. Outra autora que desenvolve pesquisas sobre o corpo, particularmente sobre o corpo negro é Nilma Lino Gomes (2003), cujo objetivo é discutir as particularidades e possíveis relações entre educação, cultura, identidade negra e formação de professores/as, tendo como enfoques principais a corporeidade e a estética. Para tal, apresenta a necessidade de articulação entre os processos educativos escolares e não-escolares e a inserção de novas temáticas e discussões no campo da formação de professores/as. Nilma Lino Gomes (2012) reflete sobre a potencialidade pedagógica das expressões artísticas que abordam elementos da história e culturas africana e afro-brasileira. A autora analisa a força sensibilizadora do teatro e do cinema, nos movimentos de transformação da prática político pedagógica que, ao incorporar diferentes valores civilizatórios, descoloniza os currículos e o pensamento das jovens gerações. Segundo a autora, pode-se observar nas experiências de educação para a igualdade racial em curso, os indícios de uma mudança epistemológica na aprendizagem/ensino.

Este estudo aqui apresentado, e a proposta nele desenhada de abordar o tema usando a narrativa em audiovisual como mediação do pensamento, insere-se nesse movimento de mudança epistêmica no campo da reflexão pedagógica.

6 OBJETIVOS

6.1 OBJETIVO GERAL

- Oportunizar a experiência de narrativa de si, de conhecimento das próprias histórias e experiências, com a mediação do cinema como ferramenta pedagógica. Propiciar uma reflexão sobre o protagonismo dos/as estudantes da EJA relacionado a representação do negro, educação e audiovisual por meio dos filmes “Vida Maria” e “Elas Falam”.

6.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Ampliar o conhecimento sobre representação social do negro na mídia.
- Explorar as potencialidades da imagem e do cinema como importantes dispositivos da inovação curricular.
- Refletir sobre a força do conhecimento das culturas afro-brasileira e africana, em processos de construção de identidades em jovens e adultos trabalhadores/as.
- Conhecer a história de vida, a história do lugar, o motivo pelo qual abandonaram os estudos.
- Propor a produção de um audiovisual realizado pelos/as próprios/as estudantes, que terão as suas histórias como as de outros/as estudantes registradas no filme;
- Realizar uma experiência coletiva de produção de um vídeo veiculando relatos da trajetória escolar dos/as estudantes da escola.

7 ATIVIDADES

01 - Apresentação do Projeto - EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E DIVERSIDADE ÉTNICO – RACIAL: Narrativas e Olhares de Atores e Atrizes

Data: 06 de Abril de 2016

Local: Reunião coletiva

Público alvo: Coordenação, Serviço de Orientação Educacional e Professores/as.

Responsáveis pela execução: Professora Renata Parreira

02 – Planejamento Coletivo de Plano de Ações a serem desenvolvidas

Data: 13 de Abril de 2016

Local: Reunião coletiva

Atividades a serem desenvolvidas:

- Discussão sobre o tema: narrativas cinematográficas
- Exibição dos filmes “Vida Maria” e “Elas Falam” ao corpo docente
- Reflexão e discussão sobre os filmes e as estratégias de ações a serem desenvolvidas em sala de aula.
- **Público alvo:** Coordenação, Supervisão pedagógica, Serviço de Orientação Educacional e Professores/as.

Responsáveis pela execução: Professora Renata Parreira

03 – Execução do Projeto com os/as estudantes

Data: 18 a 20 de Abril de 2016

Local: Sala de aula

Atividade: Aula sobre o que é o cinema

Público alvo: Coordenação, Supervisão pedagógica, Serviço de Orientação Educacional e Professores/as.

Responsáveis pela execução: Professora Renata Parreira

04 – Exibição de filmes – 25 a 29 de Abril de 2016

Data: 25 a 29 de Abril de 2016

Local: sala de aula

Atividades a serem desenvolvidas:

- Exibição do filme “Vida Maria” e “Elas Falam” para os/as estudantes
- Reflexão e discussão sobre os filmes
- Início da escuta sobre a “História de Vida”

Público alvo: Estudantes da EJAT.

Responsáveis pela execução: Professora Renata Parreira e Coordenação, Supervisão pedagógica, Serviço de Orientação Educacional e Professores/as.

05 – Avaliação e Planejamento Coletivo de Ações realizadas com os/as estudantes na semana – 02 a 05 de 2016

Data: 02 a 05 de 2016

Local: Sala de aula

Atividades a serem desenvolvidas:

- Resgate da reflexão e discussão sobre o filme “Vida Maria”
- Início da escuta sobre a “História de Lugar”

Público alvo: Estudantes da EJA.

Responsáveis pela execução: Professora Renata Parreira e Coordenação, Supervisão pedagógica, Serviço de Orientação Educacional e Professores/as.

06 - Avaliação e Monitoramento das estratégias e Ações realizadas com os/as estudantes na semana no Coletivo

Data: 09 a 13 de 2016

Local: Reunião coletiva

Atividades a serem desenvolvidas:

- Palestras sobre o 13 de maio
- A população negra e indígena na construção da identidade nacional

Público alvo: Estudantes da EJA, Coordenação, Supervisão pedagógica, Serviço de Orientação Educacional e Professores/as.

Responsáveis pela execução: Professora Renata Parreira e Coordenação, Supervisão pedagógica, Serviço de Orientação Educacional, Professores/as e

demais profissionais da área de educação.

07 - Avaliação e Monitoramento das estratégias e Ações realizadas com os/as estudantes na semana no Coletivo

- As atividades serão planejadas pelo corpo docente, compartilhadas com os/as estudantes para acolher sugestão nas próximas atividades
- A cada três semanas equipe gestora, Coordenação, Supervisão pedagógica, Serviço de Orientação Educacional, Professores/as e demais profissionais da área de educação realizarão avaliação das ações do projeto, bem como o planejamento das próximas partindo das sugestões dos/as estudantes;
- Haverão confecções de murais coletivos;
- Haverá palestras com especialistas aos/as professores/as sobre as relações étnico-raciais, exibição do filme “Elas Falam”, rodas de conversas, cine-debate;
- Serão utilizados vídeos sobre personalidades negras do projeto “A Cor da Cultura”;
- Serão convidados/as palestrantes para tratar da diversidade étnico-racial
- Ocorrerão visitas ao cinema;
- Haverá a produção de um filme sobre suas próprias vidas ao final do projeto e exibição para toda a escola.

Quadro 1 – Atividades. Fonte: A Autora, 2015.

8 CRONOGRAMA

MÊSES - ANO/2016					
ATIVIDADES	04	05	06	07	08
Apresentação do Projeto					
Planejamento Coletivo das Ações a serem desenvolvidas					
Execução do Projeto					
Avaliação do projeto					
Exibição de filmes					
Palestras					
Produção do audiovisual					
Exibição do filme produzido					
Avaliação final do projeto					

Quadro 2 – Cronograma. Fonte: A Autora, 2015.

9 PARCERIAS

O êxito de um Projeto Interventivo Local depende muito do envolvimento dos/as parceiras. Entre eles/as haverá uma proposta de parceria para a Equipe gestora, Supervisão Pedagógica, Professores/as, Coordenação Pedagógica, Funcionários de Carreira Assistência e terceirizados, Associação de Pais e Mestres do CEMSO, Conselho Escolar, Comércio local, Voluntários/as, Artistas Locais, Organizações não Governamentais e Instituições Públicas e Privadas, profissionais do Programa Canal E da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. A edição do documentário será feita pelo Canal E.

10 ORÇAMENTO

A filmagem será realizada pelos/as próprios/as alunos/as com celulares. A editoração do documentário será realizada por profissionais do Programa Canal E da SEEDF. Os equipamentos, quais sejam projetor, telão e lap top serão utilizados os que integram o patrimônio da escola.

PRODUTO	QUANTIDADE	VALOR UNIT.	TOTAL
Folha de Cartolina	100	R\$ 0,50	R\$ 50,00
Resma (papel A4)	2.000	R\$ 12,00	R\$ 48,00
Toner para copiadora	1		R\$ 300,00
Total			R\$ 398,00

Quadro 3 – Orçamento. Fonte: A Autora, 2015.

11 ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO

Acreditamos que somente se sente pertencido quem está envolvido em qualquer projeto de forma coletiva. O processo de acompanhamento será processual ao longo do projeto a ser realizado pelos/as profissionais de educação (professores/as, coordenadores/s e orientadores/as) envolvidos. A avaliação do projeto será baseada nos objetivos definidos e será realizada no decorrer do processo mediante análises da equipe de professores e parceiros em reuniões de Coordenação Pedagógicas. Os alunos/as avaliarão as etapas do projeto.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Joel Zito. In: SOUZA, Edileuza Penha (org.) **Negritude, Cinema e Educação: Caminhos para a implementação da Lei 10.639/2003**, volumes 3. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

DISTRITO FEDERAL. **Currículo em Movimento da Educação Básica**. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Brasília, 2014.

DUARTE, Rosalia. **Cinema e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão** In: Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal n 10.639/03. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 236 p. (Coleção Educação para todos).

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun, 2003.

GOMES, Nilma Lino. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. Currículo sem Fronteiras**. v.12. n.1.p. 98 – 109. 2012.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual: proposta para uma nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na escola**. 2ª ed. Revisada. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada. Alfabetização e Diversidade Brasília.DF 2005.

PEIXOTO, Renata Parreira. **Elas Falam: Narrativas de Professoras Negras (no)do Distrito Federal** In: Conferência Internacional AVANCA CINEMA, 2015, 6,2015. Portugal. Anais Festival AVANCA/CINEMA, 2015. 1309.

PEIXOTO, Renata Parreira. **Elas Falam: Narrativas de Professoras Negras (no)do Distrito Federal**. 6 ed. Avanca, 2015. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=VnxqzrhJZdl&feature=youtu.be>> Acesso em: 26 out.2015.

PROPOSTA político pedagógica do Centro de Ensino Médio Setor Oeste – Brasília do ano de 2014. Brasília – DF, 2010.

BRASÍLIA.**Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais** Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. SECAD, 2006.

RESES, Erlando da Silva. **E com a palavra: Os alunos estudo das representações sociais dos alunos da rede pública do Distrito Federal sobre a sociologia no ensino médio**. [Dissertação]. Brasília. 2004. Disponível em:
<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13066/1/2004_ErlandodaSilvaReses.pdf>. Acesso em: dia mês ano.

SANTOS, Sales Augusto dos. **Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Américas** (Org). – Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2005

SEGA, Rafael Augustus. **Conceito de Representação Social nas Obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici**. Disponível em:
<<http://www.ufrgs.br/ppghist/anos90/13/13art8.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2015.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. **Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. Educação**, Porto Alegre, RS, ano 2006, n. 3 v. 63, p. 489-506, set./dez. 2007. Disponível em: <http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/texto_4_-_Silva_P._B._G_Aprender_ensinar_e_relacoes_etnico-raciais_no_Brasil%20b4.pdf>. Acesso em: 08 out. 2015.

SOUZA, Edileuza Penha de (org.) **Negritude, Cinema e Educação**: Caminhos para a implementação da Lei 10.639/2003, volumes 1 e 2. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

SOUZA, Edileuza Penha de (org.) **Negritude, Cinema e Educação**: Caminhos para a implementação da Lei 10.639/2003, volumes 3. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

SOUZA, Edileuza Penha de. **Professora negras: a escola como tessituras da territorialidade ancestral**. Em COELHO, Wilma de Nazaré Baía, MAGALHÃES, Ana Del Tabor (Orgs). Educação para a diversidade: Olhares sobre a educação para as relações étnico-raciais. Belo horizonte: Mazza Edições, 2010.